

Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo

“Sou testemunha de Tchernóbil. O principal acontecimento do século xx, além das terríveis guerras e revoluções que já marcam essa época. Passaram-se vinte anos desde a catástrofe, mas até hoje me persegue a pergunta: eu sou testemunha do quê, do passado ou do futuro? É tão fácil deslizar para a banalidade. Para a banalidade do horror. Mas olho para Tchernóbil como para o início de uma nova história; Tchernóbil não significa apenas conhecimento, mas também pré-conhecimento, porque o homem pôs em discussão a sua concepção anterior de si mesmo e do mundo. Quando falamos de passado e futuro, imiscuímos nessas palavras a nossa concepção de tempo, mas Tchernóbil é antes de tudo uma catástrofe do tempo. Os radionuclídeos espalhados sobre a nossa terra viverão cinquenta, cem, 200 mil anos. Ou mais. Do ponto de vista da vida humana, são eternos. Então, o que somos capazes de entender? Está dentro da nossa capacidade alcançar e reconhecer um sentido nesse horror que ainda desconhecemos?

“De que trata o livro? Por que o escrevi?

“Este livro não é sobre Tchernóbil, mas sobre o mundo de Tchernóbil. Sobre o evento propriamente, já foram escritos milhares de páginas e filmados centenas de milhares de metros em película. Quanto a mim, eu me dedico ao que chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo. Escrevo os relatos da cotidianidade dos sentimentos, dos pensamentos e das palavras. Tento captar a vida cotidiana da alma. A vida ordinária de pessoas comuns. Aqui, no entanto, nada é ordinário: nem as circunstâncias nem as pessoas que, obrigadas pelas circunstâncias, colonizaram esse novo espaço, vindo a assumir uma nova condição. Tchernóbil para elas não é uma metáfora ou um símbolo, mas a sua casa. Quantas vezes a arte ensaiou o Apocalipse, experimentou diversas versões tecnológicas do fim do mundo, mas agora sabemos com certeza que a vida é mais fantástica ainda.

“Um ano depois da catástrofe, alguém me perguntou: ‘Todos estão escrevendo. Mas você, que vive aqui, não escreve. Por quê?’. Eu não sabia como escrever sobre isso, com que ferramentas, a partir de que perspectiva. Se antes, quando escrevia os meus livros, eu observava o sofrimento dos outros, dessa vez éramos, a minha vida e eu, parte do acontecimento. Fundiram-se numa só coisa, não havia distância. O nome do meu país, pequeno e perdido na Europa, quase nunca pronunciado no mundo, passou a ecoar em todas as línguas; o meu país converteu-se no diabólico laboratório de Tchernóbil, e nós, bielorrussos, no povo de Tchernóbil. Onde quer que eu fosse, olhavam com curiosidade: ‘Ah, você é de lá? O que está acontecendo?’.

“É claro que eu poderia ter escrito um livro rapidamente, uma obra como as que logo começaram a sair, uma depois da outra: o que aconteceu naquela noite na central, quem é culpado, como o acidente foi ocultado do mundo e da própria população, quantas toneladas de areia e concreto foram necessárias para

construir o sarcófago sobre o reator mortífero... Mas havia algo que me detinha. Algo que me segurava a mão. O quê? Uma sensação de mistério. Essa impressão que se instalou como um raio em nosso foro íntimo impregnava tudo: as nossas conversas, as nossas ações, os nossos temores, e seguia os passos dos acontecimentos. O acontecimento se assemelhava a um monstro. Em todos nós se instalou, explicitamente ou não, o sentimento de que havíamos alcançado o nunca visto.

“Tchernóbil é um enigma que ainda tentamos decifrar. Um signo que não sabemos ler. Talvez um enigma para o século XXI. Um desafio para o nosso tempo. Tornou-se evidente que, além dos desafios religiosos, comunistas e nacionalistas em meio aos quais vivíamos e sobrevivíamos, nos aguardavam novos desafios mais selvagens e totais, embora ainda ocultos aos nossos olhos. No entanto, depois de Tchernóbil algo se deixou entrever.

“Na noite de 26 de abril de 1986... Em apenas uma noite nos deslocamos para outro lugar da história. Demos um salto para uma nova realidade, uma realidade que está acima do nosso saber e acima da nossa imaginação. Rompeu-se o fio do tempo... O passado de súbito surgiu impotente, não havia nada nele em que pudessemos nos apoiar; e no arquivo onipotente (assim acreditávamos) da humanidade, não se encontrou a chave que abria a porta. Mais de uma vez ouvi naqueles dias: ‘Não encontro palavras para expressar o que eu vi e vivi’; ‘Ninguém antes me contou nada parecido’; ‘Nunca li nada semelhante em livro algum, nem vi algo assim em filme algum’. Entre o momento em que aconteceu a catástrofe e o momento em que começaram a falar dela, houve uma pausa. Um momento de mudez. E todos se lembram dele...

“Nas altas esferas, decisões eram tomadas, instruções secretas eram passadas, os helicópteros subiam aos céus, uma enorme quantidade de caminhões militares se deslocava pelas estradas; embaixo, esperavam-se as ordens e temiam-se, vivia-se de rumo-

res, mas todos guardavam silêncio sobre o principal: o que de fato havia acontecido? Não se encontravam palavras para novos sentimentos, e não se encontravam sentimentos para novas palavras, as pessoas não ousavam ainda se expressar, mas aos poucos emergia da atmosfera uma nova maneira de pensar; é assim que hoje podemos definir aquele nosso estado. Os fatos já não bastavam, devia-se olhar além dos fatos, penetrar no significado do que acontecia. Estávamos sob o efeito da comoção. E eu buscava essa pessoa abalada... E ela pronunciava um texto novo... As vozes por vezes irrompiam como de um sonho ou de um pesadelo, de um mundo paralelo.

“Diante do acidente de Tchernóbil, todo mundo se punha a filosofar. Todos se tornavam filósofos. As igrejas ficaram repletas de crentes e de pessoas ainda havia pouco ateias, as quais buscavam respostas que não podiam obter da física e da matemática. O mundo tridimensional se abriu, e eu já não encontrava aqueles valentões que haviam jurado sobre a Bíblia do materialismo. Incendiou-se a chama da eternidade. Calaram-se os filósofos e os escritores, expulsos dos seus canais habituais da cultura e da tradição. Naqueles primeiros dias, era mais interessante conversar não com cientistas, funcionários ou militares com muitas medalhas, e sim com os velhos camponeses. Gente que vivia sem Tolstói e Dostoiévski, sem internet, mas cuja consciência de algum modo continha uma nova imagem de mundo. E ela não se destruiu.

“Teria sido mais fácil nos acostumar à situação de uma guerra atômica como a de Hiroshima, pois sempre nos preparamos para ela. Mas a catástrofe aconteceu num centro atômico não militar, e nós éramos pessoas do nosso tempo e acreditávamos, tal como nos haviam ensinado, que as centrais nucleares soviéticas eram as mais seguras do mundo, que poderiam ser construídas até mesmo na Praça Vermelha. O átomo militar era o de Hiroshi-

ma e Nagasaki, o átomo da paz era o da lâmpada elétrica de cada casa. Ninguém imaginava que ambos os átomos, o de uso militar e o de uso pacífico, fossem gêmeos. Que houvesse correspondência. Nós nos tornamos mais sábios, o mundo todo vem se tornando mais inteligente, mas depois de Tchernóbil. Hoje cada bielorrusso é uma espécie de 'caixa-preta' viva, registra as informações para o futuro. Para todos.

"Eu levei muitos anos escrevendo este livro. Quase vinte anos. Encontrei e conversei com ex-trabalhadores da central, cientistas, médicos, soldados, evacuados, residentes ilegais em zonas proibidas. Com aqueles para quem Tchernóbil representa o conteúdo fundamental do mundo, cujo interior e entorno, e não só a terra e a água, Tchernóbil envenenou. Essas pessoas conversavam, buscavam respostas. Nós pensávamos juntos. Frequentemente tinham pressa, temiam não chegar ao fim, eu ainda não sabia que o preço do seu testemunho era a vida. 'Anote', repetiam eles. 'Nós não compreendemos tudo o que vimos, mas deixe assim. Alguém lerá e entenderá. Mais tarde. Depois de nós...' Tinham razão em ter pressa; muitos deles já não estão entre os vivos. Mas conseguiram mandar um sinal...

"Tudo o que conhecemos sobre o horror e o medo tem mais a ver com a guerra. O gulag stalinista e Auschwitz são recentes aquisições do mal. A história sempre foi a história das guerras e dos caudilhos, e a guerra se tornou, como costumamos dizer, a medida do horror. Por isso as pessoas confundem os conceitos de guerra e catástrofe. Em Tchernóbil, pode-se dizer que estão presentes todos os sinais da guerra: muitos soldados, evacuação, locais abandonados. A destruição do curso da vida. As informações sobre Tchernóbil nos jornais estão cheias de termos bélicos: átomo, explosão, heróis... E isso dificulta o entendimento de que nos encontramos diante de uma história nova: teve início a história das catástrofes... Mas o homem não quer pensar nisso, por-

que nunca ninguém pensou nisso antes. Esconde-se atrás do que já é conhecido. Atrás do passado. Até os monumentos aos heróis de Tchernóbil parecem militares...

"Na minha primeira visita à zona, os jardins floresciam, a relva jovem brilhava alegremente à luz do sol. Os pássaros cantavam. Um mundo tão... tão familiar. O meu primeiro pensamento foi que tudo estava no lugar, tudo era como antes. A mesma terra, a mesma água, as mesmas árvores. As formas, as cores e os aromas eram eternos e ninguém seria capaz de modificá-los. Mas já no primeiro dia me explicaram que não se deve arrancar flores, que é melhor não se sentar na terra e tampouco beber a água dos mananciais. À tardinha, observei os pastores conduzindo o rebanho cansado ao rio; as vacas, ao se aproximarem da água, imediatamente retrocediam. De algum modo intuía o perigo. E os gatos, me diziam, deixaram de comer os ratos mortos, que se amontoavam no campo e nos pátios. A morte se escondia por toda parte, mas era um tipo diferente de morte, com uma nova máscara. Com aspecto falso.

"O homem se surpreendeu, não estava preparado para isso. Não estava preparado como espécie biológica, pois todo o seu instrumental natural, os sentidos constituídos para ver, ouvir e tocar, não funcionava... Os sentidos já não serviam para nada; os olhos, os ouvidos e os dedos já não serviam, não podiam servir, porque a radiação não se vê, não tem odor nem som. É incorpórea. Passamos a vida lutando e nos preparando para a guerra, tão bem a conhecíamos, e, de súbito, isso! A imagem do inimigo se transformou. Surgiu diante de nós um outro inimigo... Inimigos... que tocavam a relva ceifada, o peixe pescado, a caça aprisionada. As maçãs... O mundo à nossa volta, antes maleável e amistoso, agora infundia pavor. As pessoas mais velhas, ao serem evacuadas e ainda sem perceber que isso seria para sempre, olhavam para o céu e diziam: 'O sol está brilhando, não se vê fumaça

nem gás. Não se escutam tiros. Como isso pode ser uma guerra? No entanto, devemos nos tornar refugiados? O conhecido — desconhecido — mundo.

“Como entender onde estamos? O que aconteceu? Aqui... Agora... Não há a quem perguntar...

“Na zona e ao redor da zona, a enorme quantidade de equipamentos militares era assombrosa. Soldados em formação marchando com as suas armas novinhas em folha. Com todos os acessórios de combate. Não sei bem por quê, das armas me recordo mais que tudo, e não dos helicópteros e dos blindados. Das armas... De pessoas armadas na zona. Em quem eles poderiam atirar ali? De quem iriam se defender? Da física? Das partículas invisíveis? Metralhar a terra contaminada ou as árvores? A KGB trabalhava na central. Procuravam espões e terroristas, corria o rumor de que o acidente fora resultado de uma ação planejada pelos serviços secretos ocidentais a fim de minar o bloco socialista. Era preciso se manter vigilante.

“Esse cenário de guerra... Essa cultura da guerra ruiu aos meus olhos. Ingressamos num mundo opaco, onde o mal não dá explicações, não se revela e não conhece leis.

“Eu vi como o homem pré-Tchernóbil se converteu no homem de Tchernóbil.

“Mais de uma vez — e aqui há o que se pensar — escutei a opinião de que o comportamento dos bombeiros que apagaram o incêndio da primeira noite na central atômica, assim como o dos liquidadores, assemelhava-se a um suicídio. Um suicídio coletivo. Os liquidadores, via de regra, trabalharam sem roupas especiais de proteção, dirigiram-se sem protestar para lá, onde morriam os robôs, esconderam deles a verdade sobre as altas doses recebidas, e eles se resignaram a isso, e ainda se alegraram ao receber os diplomas e as medalhas que o governo lhes conferiu pouco antes de morrerem. Muitos nem chegaram a recebê-las.

Então, o que são eles, heróis ou suicidas? Vítimas das ideias e da educação soviética? Por alguma razão, esquece-se, com o tempo, de que eles salvaram o país. De que salvaram a Europa. Imagine por um segundo o quadro, caso o incêndio tivesse se espalhado e os outros três reatores houvessem explodido...

"Eles são heróis. Heróis de uma história nova. Compararam-nos aos heróis das batalhas de Stalingrado ou de Waterloo, mas eles salvaram algo mais importante que a sua pátria, salvaram a vida. O tempo da vida. O tempo vivo. Com Tchernóbil, o homem levantou a mão contra tudo, atentou contra toda a criação divina, onde vivem, além do homem, milhares de outros seres vivos. Animais e plantas.

"Quando fui vê-los, escutei os relatos sobre como eles (os primeiros e pela primeira vez!) levaram adiante a tarefa inédita, humana e desumana, de enterrar a terra com a terra, ou seja, de cobrir com terra as camadas contaminadas e os seus habitantes — escaravelhos, aranhas, larvas —, confinando-os em bunkers de concreto especiais. Havia uma enorme diversidade de insetos, cujos nomes eles nem sabiam ou não conheciam. Esses homens tinham uma compreensão totalmente distinta da morte, que estendiam a todas as coisas, dos pássaros às borboletas; o seu mundo já era um outro mundo, um mundo com um novo direito à vida, com uma nova responsabilidade e um novo sentimento de culpa. Nos seus relatos, frequentemente se apresenta o tema do tempo, nas expressões 'primeira vez', 'nunca mais', 'para sempre'. Lembram-se das aldeias desertas por que passaram, encontrando por vezes idosos solitários que haviam se recusado a partir com os outros, ou que mais tarde haviam regressado do exílio: homens que viviam à luz da lamparina, que ceifavam com a gadanha e a foice, que cortavam lenha com o machado, que dirigiam as preces enquanto naves espaciais sulcavam o céu.

Então, o que são eles, heróis ou suicidas? Vítimas das ideias e da educação soviética? Por alguma razão, esquece-se, com o tempo, de que eles salvaram o país. De que salvaram a Europa. Imagine por um segundo o quadro, caso o incêndio tivesse se espalhado e os outros três reatores houvessem explodido...

“Eles são heróis. Heróis de uma história nova. Compararam-nos aos heróis das batalhas de Stalingrado ou de Waterloo, mas eles salvaram algo mais importante que a sua pátria, salvaram a vida. O tempo da vida. O tempo vivo. Com Tchernóbil, o homem levantou a mão contra tudo, atentou contra toda a criação divina, onde vivem, além do homem, milhares de outros seres vivos. Animais e plantas.

“Quando fui vê-los, escutei os relatos sobre como eles (os primeiros e pela primeira vez!) levaram adiante a tarefa inédita, humana e desumana, de enterrar a terra com a terra, ou seja, de cobrir com terra as camadas contaminadas e os seus habitantes — escaravelhos, aranhas, larvas —, confinando-os em bunkers de concreto especiais. Havia uma enorme diversidade de insetos, cujos nomes eles nem sabiam ou não conheciam. Esses homens tinham uma compreensão totalmente distinta da morte, que entendiam a todas as coisas, dos pássaros às borboletas; o seu mundo já era um outro mundo, um mundo com um novo direito à vida, com uma nova responsabilidade e um novo sentimento de culpa. Nos seus relatos, frequentemente se apresenta o tema do tempo, nas expressões ‘primeira vez’, ‘nunca mais’, ‘para sempre’. Lembram-se das aldeias desertas por que passaram, encontrando por vezes idosos solitários que haviam se recusado a partir com os outros, ou que mais tarde haviam regressado do exílio: homens que viviam à luz da lamparina, que ceifavam com a gadanha e a foice, que cortavam lenha com o machado, que dirigiam as preces aos animais e aos espíritos. A Deus. Tudo como há duzentos anos, enquanto naves espaciais sulcavam o céu.

“O tempo mordeu o próprio rabo, o início e o fim se tocaram. Para aqueles que lá estiveram, Tchernóbil não terminava em Tchernóbil. Esses homens não regressaram de uma guerra, mais parece que voltaram de outro planeta... Eu compreendi que de maneira totalmente consciente aqueles homens convertiam os seus sofrimentos em novo conhecimento. Presenteavam-nos, dizendo: vocês haverão de fazer algo com isso, saberão como empregá-lo.

“Há um monumento aos heróis de Tchernóbil. É o sarcófago que construíram com as próprias mãos e no qual depositaram a chama nuclear. Uma pirâmide do século xx.

“Na terra de Tchernóbil, sente-se pena do homem. Mas o bicho dá mais pena ainda... Não estou denegrindo, vou explicar. O que restou na zona morta depois que as pessoas foram embora? As velhas tumbas e as fossas biológicas, como chamam os cemitérios de animais. O homem só salvou a sua pele, todo o resto ele atraçou. Depois que as populações partiram das aldeias, pelotões de soldados e caçadores foram lá e abateram os animais. E os cachorros acorriam à voz humana, e também os gatos... E os cavalos não podiam entender nada. E eles não tinham culpa, nem as feras nem os pássaros, e morriam em silêncio, isso é ainda mais terrível. Houve um tempo em que os índios do México e mesmo as populações russas pré-cristãs pediam perdão aos animais e aos pássaros quando os sacrificavam para se alimentar. No Egito antigo, o animal tinha direito a se queixar do homem. Num dos papiros guardados nas pirâmides está escrito: ‘Não há nenhuma queixa do touro contra N’. Antes de partir para o reino dos mortos, os egípcios liam uma prece que dizia: ‘Não ofendi nenhum animal. E não o privei nem de grão nem de erva’.

“O que a experiência de Tchernóbil nos deu? Terá nos conduzido a esse mundo secreto e silencioso dos ‘outros’?

“Certa vez, vi como os soldados entraram numa aldeia já evacuada e começaram a atirar. Os gritos impotentes dos animais...

Eles gritavam nas suas diversas línguas. Sobre isso já se escreveu no Novo Testamento. Jesus Cristo chegou ao templo de Jerusalém e lá viu animais preparados para o ritual de sacrifício: com o pescoço cortado, esvaindo-se em sangue. Jesus gritou: 'Haveis convertido a casa de orações em covil de bandidos'. Poderia ter acrescentado: 'em matadouro'. Para mim, as centenas de fossas biológicas abandonadas na zona são o mesmo que os túmulos funerários da Antiguidade. Mas dedicados a que deuses? Ao deus da ciência e do conhecimento ou ao deus do fogo? Nesse sentido, Tchernóbil foi mais longe que Auschwitz e Kolimá. Mais longe que o Holocausto. Tchernóbil sugere um ponto final. Não se apoia em nada.

"Observo o mundo ao redor com outros olhos. Uma pequena formiga se arrasta pela terra, e ela agora me é próxima. Um pássaro voa no céu e também me é próximo. Entre mim e eles, o espaço se reduziu. Não há mais o abismo de antes. Tudo é vida.

Lembro-me também do que me contou um velho apicultor (e depois ouvi de outras pessoas): 'Saí pela manhã ao jardim e notei que faltava algo, faltava o som familiar. Nem sequer uma abelha... Eu não ouvia nem uma abelha! Nem uma! O que é isso? O que está acontecendo? No segundo dia, elas não voaram. E também no terceiro... Depois nos informaram que tinha acontecido um acidente na central atômica, que era perto. Durante muito tempo não soubemos de nada. As abelhas sabiam, mas nós não. Agora, se noto algo estranho, vou observá-las. Nelas está a vida.'

"Outro exemplo. Eu conversava com pescadores junto ao rio e eles me contaram: 'Nós esperávamos que nos explicassem pela televisão, que dissessem como nos salvar. E as minhocas. Minhocas comuns. Elas entravam na terra, desciam fundo, meio metro, talvez um metro. E nós não entendíamos. Nós cavávamos, cavávamos. Não conseguíamos nenhuma minhoca para pescar.'

"Quem de nós é o primeiro, quem está mais sólida e eternamente ligado à terra, nós ou eles? Devíamos aprender com eles como sobreviver. E como viver.

“Confluíram duas catástrofes: a social — aos nossos olhos aruinou-se a União Soviética, submergiu sob as águas o gigantesco continente socialista — e a cósmica — Tchernóbil. Duas explosões globais. A primeira nos é mais próxima, mais compreensível. As pessoas estão preocupadas com o dia a dia, com o cotidiano: o que comprar, aonde ir? No que acreditar? Levantar-se novamente sob que bandeira? Ou será preciso aprender a viver para si, viver a sua vida? Já a última nos é desconhecida, não sabemos o que fazer, porque ninguém nunca viveu assim. Isso é algo que experimentamos todos e cada um. Gostaríamos de esquecer Tchernóbil, porque diante dele a nossa consciência capitula. É uma catástrofe da consciência. O mundo das nossas representações e valores explodiu. Se tivéssemos vencido Tchernóbil ou compreendido o fenômeno até o fim, pensaríamos e escreveríamos mais a respeito. E assim, vivemos em um mundo enquanto nossa consciência vive em outro. A realidade resvala, não cabe no homem.

“Sim. Não há meio de alcançar a realidade...

“Um exemplo. Até hoje usamos os termos antigos: ‘longe-perto’, ‘próprio-alheio’... Mas o que significa longe e perto depois de Tchernóbil, quando já no quarto dia as suas nuvens sobrevoavam a África e a China? A Terra parece tão pequena, não é mais aquela Terra do tempo de Colombo. Infinita. Hoje possuímos outra sensação de espaço. Vivemos num espaço arruinado. E ainda... Nos últimos cem anos, o homem passou a viver mais, mas o seu tempo de vida continua a ser minúsculo e insignificante se comparado à vida dos radionuclídeos instalados na nossa terra. Muitos deles viverão mil anos. Impossível atingirmos tamanha dimensão! Diante disso, experimenta-se uma nova sensação de tempo. E tudo é Tchernóbil. As suas marcas. O mesmo ocorre nas nossas relações com o passado, com a ficção científica, com o conhecimento... O passado se faz impotente; a única coisa que se salva no nosso conhecimento é saber que nada sabemos. Está acontecendo uma peestroika, uma reestruturação dos sentimentos...

"Agora, em lugar das frases habituais de consolo, o médico diz à esposa sobre o marido moribundo: 'Não se aproxime! Você não deve beijá-lo! Não deve acariciá-lo! Ele já não é a pessoa amada, mas um elemento que deve ser desativado'. Aqui, até Shakespeare emudece. E também o grande Dante. Beijar ou não beijar, eis a questão. Aproximar-se ou não se aproximar? Uma das minhas heroínas (grávida naquele momento) nunca deixou de se aproximar do marido e beijá-lo, e não o abandonou até a morte. Por essa ousadia, ela pagou com a saúde e com a vida da filha. Mas como escolher entre o amor e a morte? Entre o passado e o presente desconhecido? E quem poderá condenar as esposas e mães que não ficaram ao lado dos maridos e filhos? Ao lado de elementos radiativos? No seu mundo, o amor se modificou. E também a morte.

"Tudo se modificou, menos nós.

"Para que um acontecimento se torne história, são necessários uns cinquenta anos. Mas nesse caso as marcas ainda estarão quentes.

"A zona é um mundo à parte. Outro mundo em meio ao restante da Terra. Primeiro foi inventada pelos escritores de ficção científica, mas a literatura cedeu o passo à realidade. Agora já não podemos mais crer, como os heróis de Tchékhov, que dentro de cem anos o ser humano será maravilhoso. Que a vida será maravilhosa! Esse futuro nós já perdemos. Nesses cem anos houve o gulag de Stálin, Auschwitz, Tchernóbil. O Onze de Setembro de Nova York. É incompreensível como se sucederam tantos fatos, como couberam na vida de uma geração, nas suas proporções. Na vida do meu pai, por exemplo, que está com 83 anos. E o homem sobreviveu!

"Destino é a vida de um homem, história é a vida de todos nós. Eu quero narrar a história de forma a não perder de vista o destino de nenhum homem.

“Antes de tudo, em Tchernóbil se recorda a vida ‘depois de tudo’: objetos sem o homem, paisagem sem o homem. Estradas para lugar nenhum, cabos para parte alguma. Você se pergunta o que é isso: passado ou futuro?”

“Algumas vezes, parece que estou escrevendo o futuro...”

PRIMEIRA PARTE

A TERRA DOS MORTOS